

BINGEMER, M. C. L.

Ama e faze o que quiseses. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, Brasil, p.7 - 7, 24/06/2002.

## COMO NÃO FALAR DE PAZ?

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Diante da tela em branco, penso e rezo. Deveria talvez abordar outro assunto, pois este já está saturado de várias e bem escritas reflexões, feitas pelas mais competentes pessoas? Deveria talvez evitar fazer esta crônica sobre Tim Lopes e, a propósito de seu bárbaro assassinato, sobre a violência que assola nosso país e nossa cidade?

Penso, rezo e decido. Não posso deixar de, uma vez mais, colocar os leitores diante deste tema tão incômodo quanto sério. A morte de Tim Lopes foi como a gota d'água que fez transbordar os já tão machucados corações e mentes do povo carioca e brasileiro. E, desde então, o medo, o pavor, a indignação jorra em torrentes pelas notícias de jornal, pelas crônicas, pelas investigações que descobrem que Tim Lopes era apenas mais um elo de uma longa cadeia de mortes e violências perpetradas no silêncio da impunidade e do mortífero poder paralelo que se instalou em nossa cidade.

Porém, como escrevo rezando ao mesmo tempo em que penso, não posso falar da violência e da morte a não ser da perspectiva que é a minha: a da fé e da teologia cristãs. Talvez no ensinamento contra a violência e, mais ainda, na prática da não violência e na exaltação da paz ninguém na história da humanidade tenha ido tão longe quanto Jesus de Nazaré.

São bem conhecidas suas estarrecedoras palavras no Sermão da Montanha, carta magna de seu ensinamento. Há mais de dois milênios estas palavras – “Ama ao teu inimigo e reza pelo que te persegue”, “Se alguém te bate numa face, oferece a outra”, - são encaradas com ceticismo por muitos, que as consideram impossíveis de serem vividas, ao mesmo tempo em que interpelam a consciência dos cristãos que humildemente confessam não vive-las como deveriam.

Por outro lado, o Cristianismo não só dá aos seguidores de Jesus Cristo estas orientações, como também declara felizes, bem-aventurados, os que as praticarem. Segundo Jesus, quem é feliz é o manso, o pacífico, o humilde, o perseguido. Não o poderoso, não o arrogante, não o tirano. E por isso, porque é feliz de uma felicidade que ultrapassa toda medida, pode viver na contra-mão dos comportamentos considerados normais. Ou seja, pode amar os inimigos, rezar pelos perseguidores, oferecer a outra face quando agredido.

Para aqueles que cremos que a proposta de Jesus Cristo é uma boa notícia de libertação, somos obrigados igualmente a afirmar que esta não pode, intrínseca e constitutivamente, ser impraticável. Na verdade, o que a pedagogia e a prática de Jesus - homem de seu tempo e de sua cultura - pretendem é mostrar que quando se trata de amar, nunca se terá feito o bastante. Por isso exorta aqueles e aquelas que o seguem a levar a mansidão até o ponto de oferecer a outra face, deixar-se despojar de tudo, perdoar sempre e a todo momento.

Poderíamos argumentar que a proposta do Cristianismo, porém, não parece trazer-nos uma solução direta para o imenso problema que hoje vivemos. Dá, sim, uma certa direção, mas não cobre todo o campo da problemática. Não trata de questões como a legítima defesa, ou o dever de sustentar as necessidades ou a vida de seus semelhantes. Não deveria, neste caso, ser uma exigência do mesmo amor proposto por Jesus opor-se à injustiça, eventualmente mesmo pela força?

O que nos parece claro, porém, é que neste momento de luto generalizado em que nos encontramos, buscamos ansiosamente ainda que seja um fio luminoso de esperança. E a proposta do Cristianismo deseja apenas contribuir a isso. O que se depreende, então, dos ensinamentos de Jesus é que num mundo atravessado pela violência o amor não pode usar as mesmas armas: reagir, agredir, matar. Pois, se o faz, se desmente a si mesmo como amor. Os fatos aliás vêm mostrando sobejamente que a violência não traz remédio à violência. Só faz aumentá-la e torná-la mais terrível.

Diante, pois, da violência que parece não descansar em seu trabalho predatório da vida, o amor só pode tomar sobre si essa mesma violência e pagar o preço de transfigurá-la em perdão, em reconciliação, em construtivas propostas que possam ir instaurando, provisória e humildemente, dinâmicas de paz. E assim fazer desejando e esperando resgatar carrascos e vítimas, amigos e inimigos. Pois uma paz que não inclua a todos e não enxergue que a raiz mais profunda da violência está na injustiça estrutural sobre a qual se apóia o mundo em que vivemos será uma paz superficial, frágil e de curta duração. E não é essa a paz que Tim Lopes merece que seus descendentes alcancem como fruto de seu sacrifício.